

# Copa do Mundo e Futebol das Mulheres: a cobertura midiática nas edições de 2015 e 2019, numa perspectiva de gênero

Women's World Cup and Soccer: media coverage in the 2015 and 2019 editions, from a gender perspective

Soraya Maria Bernardino Barreto Januário

Como citar esse artigo. JANUÁRIO S. M. B. B. Copa do Mundo e Futebol das Mulheres: a cobertura midiática nas edições de 2015 e 2019, numa perspectiva de gênero. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 14, n. 1, p. 02-13, jan./abr. 2023.



## Resumo

Propomos um artigo de revisão comparada das pesquisas sobre a representação midiática no Futebol das Mulheres durante as Copas do Mundo da FIFA de 2015 e 2019, realizadas e publicadas pelo grupo de pesquisa e extensão OBMIDIA UFPE. O objetivo é comparar os pontos de aproximação e distanciamento entre os resultados apresentados pelas pesquisas visando observar o espaço, temas e representações das jogadoras e do evento, na cobertura midiática esportiva. Utilizamos como aporte teórico a intersecção entre gênero e futebol à luz das teorias de Goellner (2005; 2021), Morel e Mourão (2005); Barreto Januário (2015; 2019), Bonfim (2019). A metodologia proposta foi a de análise comparativa (FACHIN, 2001; REBOUÇAS, et al 2016). Como resultados, emergiram avanços quantitativos, como são exemplos o número de reportagens dedicadas a cobertura midiática da competição e o crescimento de categorias analíticas entre as duas edições, bem como, avanços qualitativos na pluralidade de representações, personagens e discursos entre as duas edições.

**Palavras-chave:** Futebol das Mulheres, Copa do Mundo, Cobertura Midiática; OBMIDIA.

**Nota da Editora.** Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

## Abstract

We propose a comparative review article of research on media representation in Women's Soccer during the 2015 and 2019 FIFA World Cups, conducted and published by the research and extension group OBMIDIA UFPE. The objective is to compare the points of approximation and distance between the results presented by the researches aiming to observe the space, themes and representations of the players and the event, in the sports media coverage. We used as theoretical contribution the intersection between gender and soccer in the light of the theories of Goellner (2005; 2021), Morel and Mourão (2005); Barreto Januário (2015;2019), Bonfim (2019). The proposed methodology was comparative analysis (FACHIN, 2001; REBOUÇAS, et al 2016). As results, quantitative advances emerged, such as the number of reports dedicated to the media coverage of the competition and the growth of analytical categories between the two editions, as well as qualitative in the plurality of representations, characters and discourses between the two editions.

**Keywords:** Women's Soccer, World Cup, Media Coverage; OBMIDIA.

## Introdução

É sabido que o futebol, ao longo de sua história, foi construído e naturalizado em estruturas que dialogam à percepção social de masculinidade, especialmente compreendida na ideia de força, virilidade (CONNELL, 2005; GOELNNER, 2005; BARRETO JANUÁRIO, 2019). Já o do futebol das mulheres foi historicamente matizado por episódios de proibições, concessões, transgressões, lutas e conquistas, embora as mulheres tenham estado presentes em inúmeras etapas da gênese e sedimentação da modalidade no mundo (BONFIM, 2019; GOELNNER, 2005; 2021; BARRETO JANUÁRIO, 2019). Dessa forma, importa pontuar que ao longo do texto utilizaremos o termo futebol de ou das mulheres ao invés de futebol

Afiliação dos autores:

<sup>1</sup>Professora Doutora do Departamento de Comunicação Social - Universidade Federal de Pernambuco e do Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos/UFPE, Recife, PE, Brasil.

\* Email de correspondência: soraya.barreto@ufpe.br

Recebido em: 06/02/2023. Aceito em: 23/03/2023.

feminino. Essa é uma escolha política. O uso do termo resvala na necessária percepção de valorização do futebol vivenciado, praticado e percebido pelas mulheres dentro e fora de campo. Essa noção dialoga com o que teóricas e/ou ativistas feministas começaram a elencar sobre a localização dos saberes produzidos (HARAWAY, 1995; HARDING, 1996) e com o ponto de vista nas práticas e nas pesquisas - *standpoint theory* - (INTEMANN, 2016). Nessas perspectivas, passa a ser um fator de importância para o entendimento e análise dos fenômenos, quem as realiza e em quais contextos.

E ainda, questiona a visão conservadora que associa todas as características construídas na ideia de feminino/feminilidade às mulheres, na falaciosa compreensão socialmente construída em relações de poder (SCOTT, 1995) do significado de feminino.

Com efeito, as masculinidades e as feminilidades são construídas, simultaneamente (CONNELL, 2005), em dois campos relativos às relações de poder: primeiramente na ótica das assimetrias de gênero e nas relações de homens com mulheres. E em segundo lugar nas relações dos homens com outros homens, observando desigualdades baseadas em raça, etnia, sexualidade, classe social, dentre outros. E por essas relações assimétricas e construídas em eixos de poder patriarcal, as características compreendidas como de “mulheres” estiveram tão distantes dos espaços esportivos e de modalidades como o futebol. Delimitar certos ambientes como impróprios para as mulheres são claros mecanismos de disciplina, coerção e poder, como vimos ocorrer no Brasil com o Decreto-Lei 3.199 publicado em 1941<sup>1</sup> (BRASIL, 1941), durante a Era Vargas. O decreto vigente até 1979 não permitia a prática de esportes de contato pelas mulheres devido às “condições da sua natureza”, isto é, pautada numa ótica biologizante e redutora.

Nesse âmbito, pretende-se nesse artigo revisar e analisar de forma comparativa os resultados de duas pesquisas realizadas no âmbito do OBMIDIA UFPE – Observatório de Mídia: gênero, democracia e direitos humanos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que observam como a cobertura midiática realizada pelos portais de notícia esportivos noticiaram a Copa do mundo de futebol de mulheres de 2015, que decorreu no Canadá, entre 06 de junho e 05 de julho e a Copa do mundo de futebol de 2019, que ocorreu na França, entre 07 de junho e 07 de julho de 2019.

A sétima e oitava edições do evento, respectivamente, tiveram 24 seleções participantes. A grande mudança de um torneio para o outro, para além da visibilidade midiática que explicitaremos a frente, foi a mudança do gramado artificial para o gramado natural, tema alvo de polêmicas na edição do Canadá. Vale ressaltar que o uso de gramado artificial dificulta o jogo, prejudicando a qualidade do futebol, para além de aumentar o risco de lesão, provocar queimaduras, dentre outras coisas. Esse tipo de gramado é totalmente fora de cogitação em campeonatos profissionais da modalidade na prática dos homens. Podemos sugerir que fatos como este parecem ter lançado luz sobre o tratamento diferente das modalidades no campo da prática, desde a indignação e insatisfação das atletas até o gerenciamento das confederações desportivas.

A Copa do Mundo de Futebol das mulheres teve sua primeira edição em 1991. A Seleção Brasileira participou de todas as oito edições da competição, chegando ao seu melhor resultado em 2007 quando foi vice-campeã e 1999 quando conquistou o terceiro lugar, mas até então o assunto foi pouco pautado pela mídia esportiva brasileira (CARVALHO, 2019). Segundo Barreto Januário, Lima e Leal (2020, p.55) sobre as transmissões da Copa do Mundo do futebol de mulheres (FM):

[...] há registros da transmissão de algumas partidas na programação do canal fechado ESPN Brasil, em 2003, e TV Bandeirantes, em 2007. Em 2015, o torneio foi transmitido pelo canal público TV Brasil, pelo canal de TV aberta Bandeirantes e pelo canal pago SporTV.

1 A justificativa que embasou o Decreto-Lei se fortaleceu na ideia de que alguns esportes "eram incompatíveis com a natureza feminina". Portanto, expunha a prerrogativa de que praticar esses esportes poderia prejudicar a delicadeza do que se entendia por feminino, bem como, no processo de procriação, numa perspectiva biologizante e sexista.

Mesmo com essas poucas transmissões, a cobertura sempre foi parcial. A primeira Copa do Mundo a ser transmitida em todos os jogos da seleção nacional foi na Copa da França em 2019. É pertinente ponderar que diferente da Copa do Mundo praticada por homens, na qual todos os jogos são televisionados, apenas os jogos da seleção brasileira foram televisionados em TV aberta. Com uma boa atuação na fase de grupos, os jogos da seleção nacional tiveram grande aderência. A partida, realizada em 23 de junho de 2019, foi assistida por mais de 35 milhões de telespectadores, somando a audiência partilhada entre as emissoras de canal aberto TV Globo e Band, e ainda somado ao canal pago SporTV. O número representa um recorde para o futebol de mulheres no Brasil.

Com efeito, nos importa nesta análise observar os resultados encontrados na cobertura midiática das duas edições mencionadas, focando em suas permanências e impermanências, cenários que surgem, rupturas, avanços e retrocessos que podem nos proporcionar pistas em torno da trajetória da modalidade pelas lentes da mídia esportiva. Observar tais narrativas nos auxiliarão, em tempo futuro, a traçar uma historicidade em meio da cobertura, temáticas e narrativas adotadas nas coberturas midiáticas do futebol de mulheres, especialmente quando assistimos uma ampliação do agendamento midiático da modalidade nos meios de comunicação de massa. A TV Globo anunciou não só a veiculação da edição da copa do mundo de 2023 na Austrália e Nova Zelândia, mas também a entrada do Campeonato Brasileiro de 2023 e a Super Copa no futebol de mulheres na programação oficial da emissora.

## **A cobertura midiática da Copa do Mundo da FIFA: futebol de mulheres no Canadá e na França**

Para realizar o presente trabalho, como dito, realizamos uma revisão comparativa de duas pesquisas que observam o mesmo fenômeno, a Copa do Mundo da FIFA do futebol de mulheres, nas edições de 2015 e 2019, ambas com perspectivas muito similares e, portanto, complementares. Ambas as pesquisas, como mencionado, foram realizadas pelo mesmo grupo de pesquisa e extensão, o OBMIDIA UFPE.

Para a sistematização dos resultados das pesquisas a serem revisadas e comparadas, foi elaborado um pequeno resumo de cada pesquisa e as temáticas foram observadas em categorias comparativas entre os assuntos e unidades de análise que convergem e divergem entre as edições supracitadas. A presente proposta retomou, conjugou e expandiu os modelos apresentados nas duas pesquisas citadas. É pertinente ressaltar ainda, que além das pesquisas publicadas, tivemos acesso aos links das matérias analisadas em ambas as pesquisas.

Odília Fachin (2001) argumenta que o método comparativo consiste no estudo de um ou mais objetos, fenômenos ou fatos e explicá-los segundo suas semelhanças e suas diferenças. Permite a análise de dados concretos e a dedução de semelhanças e distanciamentos entre os elementos, permitindo observar unidades constantes, abstratas e gerais, propiciando investigações de caráter indireto. Nossos objetos de análise serão as categorias observadas nas pesquisas, considerando seus conceitos e aportes teóricos. Rebouças *et. al* (2016) complementam que numa pesquisa comparativa, a primeira etapa devemos proceder a seleção dos casos que sejam comparáveis, definindo recortes de tempo e espaço. Como mencionado, comparamos duas pesquisas relacionadas a um fenômeno esportivo e midiático, em duas de suas edições (2015 e 2019). A segunda etapa é caracterizada pela definição dos elementos a serem comparados, os modelos explicativos previamente construídos ou as variáveis, em nosso caso, observamos as categorias temáticas da cobertura midiática da Copa do Mundo de Futebol das Mulheres, nas duas edições supracitadas. A terceira etapa foi a descoberta, observar elementos comuns aos diferentes casos, elementos singulares, que não podem se repetir. Convergências e divergências. Em resumo, Marc Bloch (1998, p.121) relata que:

[...]escolher, em um ou vários meios sociais diferentes, dois ou vários fenômenos que parecem, à primeira vista, apresentar certas analogias entre si, descrever as curvas da sua evolução, encontrar as semelhanças e as diferenças e, na medida do possível, explicar umas

e outras. São portanto necessárias duas condições para que haja, historicamente falando, comparação: uma certa semelhança entre os factos observados – o que é evidente – e uma certa dissemelhança entre os meios onde tiveram lugar.

Lara Mancuso (2005) observa a necessidade do pesquisador fazer a mesma pergunta para os dois ou mais contextos diferentes, observando os resultados de forma criteriosa. Com efeito, a busca pelos contrastes do tema estudado e as diferenças entre o tempo, espaço e situações analisados, é justamente o que buscamos realizar com a comparação crítica entre as duas pesquisas, *corpus* deste estudo.

A primeira pesquisa, publicada em 2016 na revista *Eptic*, intitulada: Mulher Mídia e Esportes: A Copa do Mundo de Futebol de mulheres sob a ótica dos portais de notícias pernambucanos, foi redigida pelas professoras Soraya Barreto Januário e Ana Veloso do departamento de Comunicação da UFPE, e pela mestra Laís Cardoso. O trabalho visou analisar a cobertura midiática dos portais de notícias pernambucanos. Sob um olhar mais aproximado a uma economia política feminista, as autoras selecionaram como *corpus* de análise os portais de notícias Leia Já, Pernambuco.com, Folha de Pernambuco, NE10 e G1 Pernambuco. Apesar da intenção das pesquisadoras focarem numa abordagem local, a pesquisa acabou por se revelar de caráter nacional, visto dois dos portais em questão estarem associados a grandes portais nacionais e as demais veicularam notícias advindas de agências de notícias nacionais. Com efeito, o G1 é associado ao grupo globo de comunicações e o NE10 ao portal UOL.

Barreto Januário, Veloso e Cardoso (2016) utilizaram como metodologia o estudo de caso descritivo e interpretativo (YIN, 2001), por meio da análise qualitativa dos discursos e coletaram o *corpus* de análise através da busca por palavras-chaves específicas, como mundial de futebol feminino, Copa do Mundo Feminina, futebol de mulheres, futebol feminino, Copa do Mundo e mulher, etc. As autoras analisaram por via dos estudos de gênero e teoria crítica feminista as 69 matérias encontradas, que foram catalogadas e separadas em 4 categorias. Segundo as autoras (2016, p.117), são elas:

**Notícias padrão:** Notícias que falam dos jogos de forma breve e sem muito destaque, geralmente, sem apresentar entrevistados e apenas trazer um resumo do jogo e dos lances importantes; **Notícia “Marta e Cia”:** Abordam Marta como personagem principal da matéria, sejam em notícias exclusivas ou sua opinião sobre jogo ou sobre a própria seleção; **Notícia Destaque Positivo:** Destaca o bom desempenho das jogadoras ou dão destaque ao bom futebol. Nessa categoria há uma presença maior da voz das jogadoras nas matérias, elas são as personagens entrevistadas; **Desvalorização do gênero feminino:** Reportagens que comparam a seleção feminina com a masculina e falam de erros ou abordam o tema do futebol de maneira inadequada;

Na análise da pesquisa tornou-se evidente a invisibilidade e negligência da mídia em torno da competição através da escassez de matérias e a dificuldade de coleta relatada na pesquisa. Como mencionamos, foram 69 ocorrências de matérias relacionadas ao tema na Copa de 2015, enquanto a Copa de 2014 do futebol de homens contou com 1.123 matérias no período da competição nos veículos estudados. O silenciamento da modalidade e a falta de agendamento midiático<sup>2</sup> (MCCOMBS, 2004) do futebol de mulheres e do evento esportivo são notórias. Outro ponto fortemente evidenciado pelas autoras é a presença do sexismo velado nas matérias, muitas estabelecendo parâmetros comparativos descabidos e irreais entre as seleções de homens e mulheres em campeonatos. A comparação de desempenho entre jogadores e jogadoras, com realidades de treino, equipamento e investimentos extremamente díspares, e claro, futebolis distintos (DAMO, 2018). Outro ponto a ressaltar é a temática da beleza e da hipersexualização das atletas (ZIMMER, 2022), fator que parece ser indispensável retratar na mídia, fruto de uma sociedade misógina. Fato que é reforçado pelo uso de expressões como musa e bela para se referir as atletas. Por fim, vale ressaltar em termos de protagonismo a voz uníssona da jogadora Marta. Com grandes feitos individuais - como as seis vezes que foi campeã da bola de ouro do futebol mundial- a jogadora é a única

2 O conceito observa a função dos meios de comunicação de massa e como suas pautas influenciam a agenda pública, fomentando as conversas, debates e assuntos debatidos no escopo social.

voz procurada e ouvida pela mídia e uma das poucas referências quando se fala do futebol de mulheres no país para a cobertura midiática, apesar de jogadoras de grande expressão como Formiga e Cristiane também fazerem parte do elenco da seleção nacional.

Na segunda pesquisa, construída em caráter de continuidade, do OBMIDIA UFPE, Soraya Barreto Januário, Cecília Lima e Daniel Leal buscaram direcionar o estudo para uma observação nacional mais ampla. Selecionando os portais nacionais utilizando os cinco principais sites de notícias esportivas no Brasil:<sup>3</sup> UOL Esporte, Globo Esporte, ESPN, Torcedores.com e Placar, selecionados em. Vale ressaltar que Barreto Januário (2017) volta ao *corpus* da pesquisa de Barreto Januário, Veloso e Cardoso e reanalisa as categorias utilizando também estes mesmo portais de notícias, excetuando a revista Placar, e encontra resultados similares em análise qualitativa que a pesquisa apresentada em 2016. No artigo em questão, Barreto Januário (2017) volta as suas análises para a jogadora Marta como elemento principal de análise, mas fortalece os achados da pesquisa generalista publicada na *Eptic* em 2016.

Barreto Januário, Lima e Leal (2020) apresentaram números impressionantes em termos de crescimento quantitativo e qualitativo na análise das notícias. Utilizando como recorte metodológico uma análise de conteúdo qualitativa e quantitativa, no que diz respeito a uma abordagem quantitativa, o aumento é exponencial, 533% de crescimento. O quantitativo de matérias sai de 69 unidades para 437 peças, excetuando em ambos os casos notícias repetidas. Em termos quantitativos é animadora a nuance de uma maior diversidade temática, aflorando no crescimento de 4 (quatro) para 11 (onze) categorias de análise. Mas percebe-se também um aumento significativo de matérias mais críticas e analíticas sobre a modalidade, bem como, das lutas travadas pelas mulheres para dar melhores condições e equanimidade à prática futebolística no mundo, o que detona uma maior visibilidade para a prática, bem como para suas atletas (GOELLNER; KESSLER, 2018).

Neste sentido, faz-se necessário conhecer as categorias de análise apresentada pelas autoras e o autor:

**Notícia Padrão** - Informações sobre o calendário das partidas; resultados de cada jogo; informações sobre escalação e treinos; contextualização sobre aspectos da Copa (cidades-sede, estádios etc.), sem profundidade. [...] **Mídia sobre mídia** - O fato de que a mídia (especialmente a televisiva) deu atenção inédita ao mundial da França adquiriu valores-notícia de Impacto (número de pessoas envolvidas) e Surpresa, o que Silva (2014, p. 66) também descreve como “Inesperado”. [...] **Efeito Marta** - Classificamos como “Efeito Marta” as notícias que destacam a atleta pelos seus feitos ou conferem a ela um importante protagonismo dentro da Seleção brasileira. Por possuir um volume de notícias tão grande, Marta representa uma categoria associada ao valor-notícia de Proeminência (Silva, 2014). [...] **Desempenho do Brasil** - Análises, comentários, resenhas e artigos opinativos discutindo a performance da equipe comandada pelo técnico Vadão foram também recorrentes em todos os portais. Nesta categoria, diferentemente da Notícia Padrão, há um exercício analítico mais aprofundado, que parte de um valor-notícia de Proximidade. Críticas ao esquema tático e à eventual desorganização em campo, além de elogios aos talentos individuais, foram recorrentes. [...] **Manifestações e militância** - Nesta categoria, incluímos notícias sobre protestos de atletas como Megan Rapinoe (Estados Unidos) e Ada Hegerberg (Noruega), entre outras personalidades, por igualdade de gênero e outras pautas políticas que envolvem Conflito, valor-notícia no qual Silva (2014) inclui “Reivindicação”, “Briga” e “Disputa”, entre outros. [...] **A Copa em números** - Notícias associadas ao valor-notícia de Impacto e Surpresa. Aqui, incluem-se os recordes quebrados, matérias sobre a quantidade de torcedores nos estádios e movimentação financeira relacionada ao mundial. [...] **Perspectivas para a modalidade** - A partir dos resultados da Copa do Mundo, jornalistas, atletas e técnicos discutem ações que podem fortalecer o futebol de mulheres. [...] **Trajatória de profissionais** - Nesta categoria, foram classificados os conteúdos que abordavam a história de vida ou momentos pessoais de atletas ou técnicas. Embora Marta

3 Portais selecionados à partir do ranking digital de portais esportivos brasileiros da IBOPE Repucom, na audiência geral, nacional, 18+, em janeiro de 2016. A pesquisa sobre a copa de 2019 optou por dar continuidade a análise com os mesmos veículos.

ainda seja o grande destaque da Seleção, no que diz respeito à visibilidade midiática, outras jogadoras adquiriram “Proeminência”, como Cristiane, autora dos três primeiros gols do Brasil no torneio; Formiga, aos 41 anos, tornou-se a atleta mais velha a disputar um mundial; e Tamires, única jogadora brasileira a ser mãe. Não raro, as histórias das atletas da Seleção brasileira aparecem enquadradas pelas lentes da narrativa de superação, na qual são enfatizados dificuldades, dores e desafios enfrentados. [...] **Campanha de outras Seleções** - Especialmente após a derrota da Seleção brasileira, que chegou até as oitavas de final, os portais passaram a acompanhar a disputa pelo título, destacando seleções como Estados Unidos, Inglaterra, França e Austrália. Também nesta categoria, conteúdos que se inserem no valor-notícia de Curiosidade, discutem a situação do futebol de mulheres em países que não necessariamente estavam presentes na Copa. [...] **Polêmica** - Nesta categoria, foram incluídas as notícias que tratavam de fatos enquadrados pelo viés da Polêmica/controvérsia. [...] **Outros** - Neste tópico, classificamos uma minoria das unidades que destoava dos padrões temáticos identificados, mas que são dignas de nota. (BARRETO JANUÁRIO, LIMA E LEAL, 2020, p.55-57)

Na análise comparativa das categorias encontradas nas pesquisas, encontramos cinco unidades de análise. Para a aplicação do método comparativo, primeiramente realizamos uma leitura flutuante das análises e das reportagens elencadas para cada categoria. Da leitura, observamos os padrões de convergência e divergência entre as unidades temáticas de cada uma das pesquisas. Destacando palavras-chaves (como musa, atleta, feminismo, machismo, assédio, entre outras), situações relatadas nas reportagens (situações de violência, assédio, elogios, elementos táticos e técnicos do futebol, entre outros) e observando padrões novos e singulares entre as edições. A primeira categoria a emergir chamaremos de **permanências**, isto é, categorias que possuem o mesmo enfoque e são iguais ou semelhantes entre as duas pesquisas. A segunda se refere aos **avanços de visibilidade da modalidade na prática** que dialoga com a conquista de uma cobertura midiática mais ampla em torno da modalidade, cobrindo todos os jogos do campeonato com maior riqueza de detalhes táticos e técnicos, bem como, informações das demais seleções, recordes e dados que matizem a prática de mulheres pelo mundo. A terceira versa sobre **os avanços na visibilidade das jogadoras**. Nesse caso o foco está na voz e vez de uma pluralidade maior de jogadoras, apresentando novas personagens ao escopo do futebol de mulheres (FM), com atenção as suas trajetórias, histórias e superações. O quarto tema observa a **mudança de cenário e os avanços sociais propostos pelo futebol de mulheres**. Nessa classe notamos os meios de comunicação pautando temas de importância social que a modalidade trouxe a ribalta através das falas das jogadoras, comissão técnica e partícipes do espetáculo futebolístico, em oposição as recorrentes falas sexistas dos profissionais da mídia e seus congregados notadas ao longo da história. A última categoria seria a **espetacularização do futebol de mulheres pela e para a mídia** que congrega um processo evidente de retroalimentação<sup>4</sup> (NÖTH, 2011) da mídia. Vale ressaltar que as mesmas categorias podem constar em uma ou mais de nossas unidades de análise, visto que cada uma delas conta um número de matérias que podem ter outras abordagens e leituras.

Na categoria **permanências** três unidades permanecem iguais e/ou muito semelhantes. As notícias padrão possuem o mesmo enfoque e conceituação temática nas duas pesquisas, são exatamente a mesma unidade de análise em ambos os estudos. Já “Marta e Cia” (BARRETO JANUÁRIO; VELOSO; CARDOSO, 2016) e “Efeito Marta” (BARRETO JANUÁRIO, LIMA; LEAL, 2020) possuem embasamento bastante semelhante, ou seja, a jogadora Marta segue como protagonista de um quantitativo alto de matérias seja por seus feitos individuais, pela sua participação marcante nos jogos e por também ser uma das vozes mais ouvidas e procuradas como uma espécie de porta-voz da seleção. Vale ressaltar no caso de Marta o processo de celebração. Douglas Kellner (2004, p.6) argumenta que “para alguém se tornar uma celebridade é preciso ser reconhecida como uma estrela no campo do espetáculo, seja no esporte, no entretenimento, ou na política”. Com a maior atenção dada ao FM, outras personagens como a jogadora estadunidense Megan Rapinow, dentre outras atletas vem surgindo na mídia como veremos à frente. A terceira unidade

4 “Retroalimentação é um termo técnico das tecnologias telecomunicativas, que descreve procedimentos em que os sinais emitidos por um emissor são retransferidos para este mesmo emissor com o objetivo de controlar a qualidade da transmissão” (NÖTH, 2011, p.96)

da categoria permanências se refere as notícias de “Destaque positivo” (BARRETO JANUÁRIO; VELOSO; CARDOSO, 2016) e “Desempenho do Brasil” (BARRETO JANUÁRIO, LIMA; LEAL, 2020). Em ambas há uma preocupação de observação de cunho mais crítico e analítico seja qualitativo ou quantitativo em relação às partidas e às atletas.

A segunda categoria de análise comparativa denominamos de **avanços de visibilidade da modalidade na prática**. De forma animadora, boa parte das categorias encontradas por Barreto Januário, Lima e Leal (2020) se encaixam nessa perspectiva. Isso porque se torna evidente o maior interesse da mídia durante a Copa de 2019 de apresentar um quadro mais completo em torno do FM e sobre o campeonato como um todo. Nessa abordagem as categorias Copa em números, Perspectivas para a modalidade, Campanha de outras seleções demonstram com clareza um agendamento midiático muito mais evidente. Na pesquisa de Barreto Januário, Veloso e Cardoso (2016) repetimos a categoria destaque positivo que apresenta algumas matérias sobre o tema também. A diversidade de peças jornalísticas que demonstram o interesse pelos números da edição, o desempenho das seleções, bem como sua história, trajetória e conquistas apresentam dados pouco ou nada evidenciados ao longo das edições anteriores do campeonato.

A terceira via de análise percebida se concentra nos **avanços na visibilidade das jogadoras**. Nessa abordagem, especialmente contemplada pela pluralidade de personagens e aprofundamento temático em seus percursos, conquistas individuais e coletivas, obstáculos e historicidade percebemos o despertar da mídia sobre o crescimento da modalidade no mundo e ao mesmo tempo vislumbramos o processo de celebração (KELNNER, 2004) de forma evidente. Esse processo de construir celebridades do FM se dá especialmente através do uso da jornada da heroína na construção de narrativas em torno das atletas. O conceito de jornada do herói cunhada por Joseph Campbell ([1949] 2008), posteriormente adaptada por Christopher Vogler (2015) com um roteiro mais aproximado de narrativas midiáticas como é o nosso caso, aparece com frequência nos enredos em torno da vida de atletas independente de gênero. De forma breve, Campbell concebe uma estrutura cíclica para contar e narrar histórias, na qual o protagonista supera várias adversidades e desafios para se tornar um herói de sua própria história, na busca de si mesmo, presente nas narrativas mais diversas de toda a sociedade.

Maureen Murdock (2020) é psicoterapeuta e foi aprendiz de Campbell (1981), e questionou se o modelo seria pertinente às questões e obstáculos enfrentados pelas mulheres. A autora observa que a jornada arquetípica da heroína, não é contemplada no modelo de Campbell devido a estrutura patriarcal e androcêntrica que vivemos. Murdock observou a necessidade da cura do feminino ferido pela própria cultura. Segundo Martinez (2008), Maureen adaptou o modelo de 17 passos concebido por Campbell, na jornada do herói, e adaptou a um novo sistema cíclico de 10 estágios. 1. Separação do feminino; 2. Identificação com o Masculino; 3. A estrada das provas; 4. Falsa ilusão do sucesso; 5. O despertar do sentimento de aridez espiritual: morte; 6. Iniciação e descida à Deusa; 7. Urgente reconexão com o feminino; 8. Curando o conflito mãe e filha; 9. Curando o masculino ferido; 10. A integração do masculino com o feminino.

A jornada apresenta diversos estágios. Não pretendemos aqui apresentar toda a jornada por não se tratar de nosso foco de pesquisa e nem da metodologia de análise do estudo, todavia apresentaremos os três estágios iniciais da jornada que ajudam a visualização dos nossos argumentos de pesquisa. Mônica Martinez (2008) arremata nossas percepções quando argumenta que a combinação da jornada da heroína - e da biografia humana, adaptada ao universo da narrativa contemporânea, auxilia na construção de relatos envolventes e emocionantes no jornalismo, e no caso do jornalismo esportivo não é diferente.

Os conflitos e dilemas do fazer-se mulher (BEAUVOIR, 1980) numa sociedade sexista que silencia, proíbe, afasta, acabam afetando as mulheres de vivências, práticas e saberes. Se observamos a história das mulheres no futebol se torna ainda mais evidente notar essa busca pela cura. O primeiro estágio apresentado por Murdock (2020) trata da jornada da separação do feminino, especialmente num esporte estruturado e construído em premissas patriarcais de masculinidades dominantes. Isto é a separação inicial dos valores considerados socialmente femininos, buscando reconhecimento em uma cultura patriarcal. O processo de cura se dá na superação da narrativa social do feminino como ser inferior, passivo, incapaz de

determinadas atividades, como são exemplos os esportes de contato.

O segundo estágio da jornada ocorre pela conexão com o masculino, isto é, na aceitação da figura masculina em um mundo dominado pelos homens, uma espécie de reunião com os aliados as causas das mulheres. Nesse caso, se pode observar também a aceitação de comportamentos ditos masculinos ou da própria masculinidade (CONNELL, 2005; BARRETO JANUÁRIO, 2016) vivenciada também pelas mulheres, que pode ser visto como algo a ser seguido. Um exemplo desse estágio é o processo de masculinização que muitas mulheres incorporam como forma de expressão e até de proteção num universo tão machista. Os usos de comparativos entre as estrelas da modalidade masculina e feminina, que podemos exemplificar pela insistência em chamar a jogadora Marta de “Neymar de saias”. Essa lógica observa o futebol como indissociável do masculino e não considera a existência de diversos futebóis (DAMO, 2018). O tom elogioso esconde uma incessante necessidade de usar o masculino como uma lógica dominante de patamar a ser alcançado.

O terceiro estágio conhecido como a estrada das provações, pode ser observado no processo de conquista e de ultrapassar os mesmos obstáculos que o homem precisa passar para alcançar o sucesso, como o alcance do prestígio, patrimônio financeiro, reconhecimento etc. Contudo, esse processo se intensifica no caso da jornada da heroína visto que existem diversos obstáculos somados as dificuldades enfrentadas pelos homens, como nas dinâmicas apresentadas pela divisão sexual do trabalho<sup>5</sup> (KERGOAT, 2003). Essa etapa da jornada envolve a superação dos mitos sociais da dependência, inferioridade feminina, inabilidade em atividades, como é exemplo da frequente ideia de que o futebol das mulheres é lento, chato e que as mulheres não entendem de futebol (JANUÁRIO, 2019; GOELLNER; GUIMARÃES, 2019).

A quarta categoria elenca **mudanças de cenário e avanços para a sociedade**. Nessa classe elencamos categorias antagônicas que representam bem o cenário em mudança. apesar da persistência de muitas assimetrias e ao mesmo tempo das muitas conquistas alcançadas. Ao observamos a categoria **desvalorização do gênero** na pesquisa de 2016, em contraponto com a unidade de análise **manifestações e militância do estudo**, de 2020, alguns apontamentos se tornam imperativos.

O primeiro deles é o espaço dado à pauta em torno da igualdade de gênero nos meios de comunicação de massa. O tema vem sendo socialmente pautado nas ruas e nas mídias digitais apontado como primavera feminista (BRITO, 2017) ou explosão feminista (HOLLANDA, 2018), com o agendamento midiático (MCCOMBS, 2004) constante e reforço do debate em torno do tema social.

Com efeito, vimos decair os episódios explícitos de sexismo, ditas “piadinhas” de cunho machista e analogias degradantes na cobertura midiática, como foi apresentado na categoria de desvalorização de gênero. Certamente essa troca de cenários sedimenta uma cobertura mais fidedigna com a realidade das mulheres na contemporaneidade, seja nos esportes ou em qualquer campo social. A própria ampliação na quantidade de temas, personagens e matérias de caráter técnico e tático do futebol de mulheres, como apontamos anteriormente, fundamenta essa categoria.

Por fim, observamos o processo de **espetacularização do futebol de mulheres pela e para a mídia**. Nesse caso as categorias **Mídia sobre a Mídia** e **Polêmicas** apresentada na pesquisa de 2020, nos trazem um novo enredo que se desenha no horizonte do FM na mídia. O processo de criação de pautas e agendamento (MCCOMBS, 2004) de assuntos ligados ao FM, mas não necessariamente sobre a prática, atletas e campeonatos nos sugere construir um *status* de espetacularização (SANTOS *et al*, 2017) do FM antes tão silenciado, invisibilizado e esquecido (GOELLNER; GUIMARÃES, 2019; GOELLNER, 2021). Nele a mídia pauta a própria mídia num processo retroalimentado para falar de audiência e consumo da modalidade. A pauta compreende também agendamentos em torno de temas polêmicos e narrativas sensacionalistas propondo uma maior visibilidade em torno de assuntos variados, que acabam por propiciar uma maior exposição em torno do tema e suas pautas diversas.

5 “A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é adaptada historicamente e a cada sociedade. Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc).” KERGOAT, 2003, p.55-56)

O futebol já era considerado um espetáculo (SANTOS *et. al*, 2017), contudo era o futebol dos homens que tinha essa atenção do mercado e da mídia. Começamos a assistir o engatinhar de uma pretensa espetacularização da notícia em torno do futebol de mulheres e essa maior exposição midiática da modalidade congrega interesses jornalísticos, mas também publicitários e mercadológicos.

O cenário entusiasmo, mas é preciso ter cautela, tendo em vista que alguns estudos prévios já observaram esse interesse da mídia e pelo FM em outros momentos isolados. Martins e Moraes (2007) apontaram que durante os jogos olímpicos da Grécia em 2004, houve um aumento de mais de 2000% no número de inserções de notícias nos jornais *Folha de São Paulo* e *Estado de São Paulo*. No entanto, os autores ressaltaram na pesquisa que esse interesse foi transitório e efêmero e exclusivamente atendia a uma demanda da mídia em relação aos jogos olímpicos. Mourão e Morel (2005, p.84) também perceberam o mesmo movimento denominando o fenômeno de “efeito sanfona” nessa relação entre mídia e futebol de mulheres. Todavia, elementos muito recentes mostram uma diferença no avanço do que testemunhamos nesse momento: a veiculação de campeonatos e jogos, antes completamente invisibilizados, sendo transmitidos em redes de canal aberto televisivo. Três casos nos chamaram atenção: 1. A inclusão da transmissão da Copa do Brasil de FM, a partir das quartas de final, pela TV Globo, em 2023; 2. A transmissão do Campeonato Brasileiro de FM em 2023, o Brasileirão, desde do início do campeonato, também pela TV Globo. A mesma emissora começou a apresentar também, no quadro do programa dominical Fantástico, o resumo de gols e resultados dos principais jogos, como já ocorria com o futebol masculino há muitos anos. Isso aponta para um avanço significativo na mudança desse efeito sanfona observado por Mourão e Morel (2005) e reafirmado por Barreto Januário e Knijnik (2022), visto que o cenário começa a despontar a permanência do tema na mídia.

Ao observar conjuntamente as duas pesquisas se legitima a ideia de que parece surgir um novo horizonte no futebol de mulheres no Brasil e no mundo. É imperativo continuar acompanhando a modalidade, suas trajetórias e o comportamento da mídia para observar essas mudanças com a esperança de que, dessa vez, a pauta tenha continuidade e permaneça sendo agendada pelos meios de massa e de nicho promovendo mudanças importantes no âmbito social.

## Considerações finais

A mídia noticiosa, enquanto instância social, auxilia no processo de legitimação, valorização de sujeitos, pautas e demandas sociais num processo pedagógico cultural (LOURO, 1995). A mídia possui enorme relevância na configuração de valores sociais mais diversos e na superação de um modelo único e de um ideal hegemônico. Até pouco tempo atrás o futebol era um esporte protagonizado apenas por homens.

O futebol enquanto modalidade esportiva segue sendo dominado por eles, seja nos salários, no espaço midiático, na gestão esportiva e na mercantilização do esporte. Contudo, as pesquisas apresentadas ao longo deste trabalho observam mudanças nesse cenário. E o futebol, enquanto fenômeno social e cultural (DAMATTA, 1982; GOELLNER; GUIMARÃES, 2019), é diretamente implicado pelos avanços, retrocessos e mudanças no escopo social.

A luta por igualdade - seja ela salarial, de visibilidade, melhores condições de trabalho, dentre outras. A partir do ativismo de mulheres com forte influência dos movimentos feministas, tem levantado debates importantes em torno da realidade das mulheres no mundo. Isso se dá especialmente no âmbito do trabalho e, por que não, na esfera esportiva também. Essas mudanças tem auxiliado no processo de visibilidade da modalidade praticada por mulheres. Outras vozes, personagens e temas tem sido legitimados nas coberturas midiáticas, bem como, outros aspectos em torno da prática esportiva em si.

Observamos ao longo da análise 5 (cinco) categorias de análise que nos auxiliaram a traçar permanências, avanços e o crescimento de uma pluralidade temática outrora silenciada pela mídia. Apesar de avanços significativos, o tema nos inspira cuidado de observação a longo prazo na percepção se este

realmente é um momento de guinada para a visibilidade do FM no âmbito midiático, mercadológico e sociocultural ou se é mais uma onda passageira. O ano de 2023, como apontamos, está sendo delineado com mudanças importantes. Campeonatos anualmente presentes, como é o caso do Brasileirão, entram como parte da programação da principal emissora nacional, diferente de eventos mais espaçados, como é o caso da Copa do Mundo e das Olimpíadas.

Observar como se dará a cobertura desses eventos, temas pautados, continuidades, mudanças e permanências ajudará a construir a historicidade da modalidade na mídia, bem como, como o agendamento do tema tem contribuído socialmente com o debate e a mudança de mentalidade sobre o esporte e a participação das mulheres nesse processo. Sigamos atentas/os.

## Referências

- BARRETO JANUÁRIO, S. B.; LIMA, C. A. R.; LEAL, D. "Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros". **Observatorio**, v. 14, n. 4, 42-62, 2020. Disponível em: <https://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1590> Acesso em: 27 dez. 2020
- BARRETO JANUÁRIO, S. **Mulheres no campo: o ethos da torcedora pernambucana**. São Paulo: Fontenele, 2019.
- BARRETO JANUÁRIO, S.; VELOSO, A. M. C.; CARDOSO, L. C. F. "Mulher, mídia e esportes: a Copa do Mundo de Futebol Feminino sob a ótica dos portais de notícias pernambucanos". **Eptic online**: revista electronica internacional de economia política da informação, da comunicação e da cultura, 18.1, p.168-184, 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/epctic/article/view/4635> Acesso em: 02 mar. 2017
- BARRETO JANUÁRIO, Soraya; KNIJNIK, Jorge D. Novos rumos para as mulheres no futebol brasileiro. **Futebol das mulheres no Brasil: emancipação, resistências e equidade**, p. 434-458, 2022.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**, v. I e II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 9, 1980.
- BLOCH, M. **Histórias e historiadores**. Textos reunidos por Étienne Bloch. Tradução de Telma Costa. Lisboa: Teorema, p. 111-150, 1998.
- BONFIM, A. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução a proibição (1951-1941). Dissertação (Mestrado em História Política e bens culturais), Centro de Pesquisa e documentação de história contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/28563> Acesso em: 17 jan. 2020
- BRASIL. **Decreto-Lei 3.199/1941**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 30 mar. 2023.
- BRITO, M. Primavera feminista: a internet e as manifestações de mulheres em 2015 no Rio de Janeiro. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 11, p. 1-11, 2017. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499450296\\_ARQUIVO\\_PrimaveraFeminista-ainternetemasmanifestacoesdemulheresem2015noRiodeJaneiro-FazendoGenero.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499450296_ARQUIVO_PrimaveraFeminista-ainternetemasmanifestacoesdemulheresem2015noRiodeJaneiro-FazendoGenero.pdf) Acesso em: 04 out. 2018
- CAMPBELL, J. **The hero with a thousand faces**. New World Library, 2008.
- CARVALHO, G. P. Cobertura da mídia na copa do mundo feminina de 2019. **JORNALISMO CCL**, p. 145, 2019.
- CONNELL, R W. **Masculinities**. Routledge, 2005.
- DAMATTA, R. "Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro". In: DAMATTA et al. (org.). **Universo do Futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAMO, A. Futebóis—da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **Fulia/Ufmg**, v. 3, n. 3, p. 37-66, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14644> Acesso em: 25 abr. 2018
- FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologias**. São Paulo: Saraiva Educação SA, 2001.
- GOELLNER, S. V. "Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem a história". **Pensar a prática**. V.8 n.1 revisada, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/106/101> Acesso em: 20 nov. 2015

GOELLNER, S. V.. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, v. 27, n.1, p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/110157/60400> Acesso em: 02 jan. 2022

GOELLNER, S. V.; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, n. 117, p. 31-38, 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/especial/revista-usp-117-a-sub-representacao-do-futebol-praticado-por-mulheres-no-brasil-ressaltar-o-protagonismo-para-visibilizar-a-modalidade/> Acesso em: 30 abr. 2019

GOELLNER, Silvana Vilodre; GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira. Hoje, o futebol de mulheres. **FuLiA/UFMG**, v. 4, n. 1, p. 3-6, 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/15477> Acesso em: 25 mai. 2020

HARAWAY, D.. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos PAGU** v.5, n.1, p. 07-41, 1995 Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773> Acesso em: 27 set. 2000

HARDING, S. Rethinking Standpoint Epistemology: What is Strong Objectivity? In KELLER, Evelyn Fox; LONGINO, Helen E, (eds.), **Feminism & Science**, Oxford: Oxford University Press, p. 235-248, 1996. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23739232> Acesso em: 20 mai. 1999

HOLLANDA, Heloisa . B. (Org.) **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

INTEMANN, Kristen. Feminist standpoint. **The Oxford handbook of feminist theory**, p. 261-282, 2016 .

KELLNER, D.. A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo. **Revista Líbero**, v. 6, n. 11, p. 4-15. 2004. Disponível em: <https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/35932881-a-cultura-da-midia-e-o-triunfo-do-espetaculo.pdf> Acesso em:13 mar. 2011

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, p. 55-63, 2003.

LOURO, G. L. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71722/40669> Acesso em: 27 nov. 2000

MANCUSO, Lara. A comparação no estudo da história da América Latina. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 31, 2005.

MARTINEZ, M.. **Jornada do herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo**. Annablume, 2008.

MARTINS, L T.; MORAES, L. (2007), Futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 1, n. 10, p. 69-81, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/33360/17630> Acesso em: 20 abr. 2010

MCCOMBS, M. A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública. Petrópolis: Vozes, 2004

MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino: A diferença que faz uma medalha de prata. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 2, p. 73-86, 2005. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/148> Acesso em:15 abr. 2020

MURDOCK, M. **The heroine's journey: Woman's quest for wholeness**. ShambhalaPublications, 2020.

NÖTH, W. Comunicação: os paradigmas da simetria, antissimetria e assimetria. **Matrizes**, v. 5, n. 1, p. 85-107, 2011.

REBOUÇAS, G. M. *et al.* Pesquisa comparativa em ciências sociais e humanas: um panorama de seus usos. **Interfaces Científicas-Humanas e Sociais**, v. 5, n. 2, p. 21-32, 2016. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/2860/1916>Acesso em: 01 mar. 2023

SANTOS, A. R. M dos. *et al.* Símbolos e rituais do futebol espetáculo: uma análise das emoções no campo de jogo. **Motrivivência**, v. 29, p. 162-180, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29nespp162/35560> Acesso em: 02 set. 2019

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995 .

VOGLER, C. **A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores**. Aleph, 2015.

YIN, Robert K. Estudo de caso – planejamento e métodos. (2Ed.). Porto Alegre: Bookman. 2001.

ZIMMER, A. T. G.. **O desporto feminino na imprensa portuguesa**. A invisibilização da atividade desportiva praticada por mulheres na atualidade.(Dissertação de Mestrado – Universidade do Porto, Portugal) 2022. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/145309/3/591405.pdf> Acesso em: 07 fev. 2023